internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Brasil e Nigéria firmam acordos em visita de Estado

Agricultura, petróleo, gás e aeronaves são possíveis áreas de cooperação

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

EVARISTO SA/AFP/JC

Lula reafirmou a Tinubu dívida com o continente pelos 350 anos de escravidão

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que o Brasil quer ampliar o fluxo comercial com a Nigéria e afirmou que os dois países apostam no livre comércio, em um momento em que ressurgem "o protecionismo e o unilateralismo" no mundo. Lula recebeu o presidente da Nigéria, Bola Tinubu, para uma visita de Estado, ontem, no Palácio do Planalto, e reafirmou sua preocupação com o desenvolvimento do continente africano.

Ele lembrou que o intercâmbio entre os países "diminuiu drasticamente" na última década, de US$ 10 bilhões em 2014 para US$ 2 bilhões no ano passado, sendo a Nigéria o quarto maior parceiro comercial brasileiro na África. "Nos últimos governos, o Brasil se distanciou da África. Duas das maiores economias da América Latina e da África devem ter um intercâmbio muito maior", disse.

Entre as áreas possíveis de cooperação, Lula citou agricultura e pecuária, petróleo e gás, fertilizantes, aeronaves e máquinas. Hoje, o Brasil exporta principalmente açúcares e melaços (74%), enquanto as importações são concentradas em fertilizantes (48%) e petróleo e derivados (48%).

Lula reafirmou que o Brasil tem uma dívida com o continente africano diante dos 350 anos de escravidão a que o povo negro foi submetido no território brasileiro. Para o presidente, a dívida histórica deve ser paga com solidariedade, transferência de tecnologia e assistência para o desenvolvimento da agricultura local, por meio de uma relação "solidária, fraterna e igualitária".

"A única forma de a gente pagar não pode ser mensurada em dinheiro, tem que ser mensurada em solidariedade, em alinhamento político, econômico, cultural, porque o Brasil tem que ajudar a África transferindo tecnologia, transferindo conhecimento, tudo aquilo que a gente aprendeu aqui no Brasil que deu certo, sobretudo na área agrícola", disse.

Por sua vez, Tinubu contou que a Nigéria tem uma população muito jovem, que está pronta para troca de ideias e aproveitar as oportunidades com as transferências tecnológicas. "Eles sabem que o Brasil tem os ativos que precisamos".

Durante o encontro foram assinados cinco atos bilaterais. Um deles é o acordo sobre aviação civil, com o propósito de estabelecer e explorar os serviços aéreos entre os dois territórios. Foi aprovado o início da operação de um voo direto entre São Paulo e Lagos, cidade litorânea da Nigéria, a ser operado pela maior companhia aérea do país africano, a Air Peace.

Também foram assinados memorandos de entendimento para a formação de diplomatas, para o estabelecimento de consultas políticas sobre temas bilaterais e questões regionais e internacionais e, também, entre o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social do Brasil (BNDES) e o Banco de Agricultura da Nigéria (BoA) para promoção de comércio e investimentos. Por fim, os países firmaram memorando para cooperação em ciência, tecnologia e inovação.

Premiê francês se submeterá a voto de confiança

/ FRANÇA

O primeiro-ministro da França, François Bayrou, anunciou ontem que se submeterá a um voto de confiança na Assembleia Nacional em 8 de setembro. A manobra ocorre em um momento em que o governo busca aprovar o Orçamento de 2026. A proposta, criticada à esquerda e à direita, prevê um ajuste fiscal de quase € 44 bilhões (cerca de R$ 285 bilhões), que inclui medidas como o congelamento de gastos sociais e a eliminação de dois feriados nacionais: a segunda-feira de Páscoa e o 8 de maio, o Dia da Vitória na Segunda Guerra Mundial.

Bayrou afirmou que a votação servirá para validar o orçamento e que cada medida será debatida posteriormente. Caso perca o voto de confiança, sua frágil coalizão de centro-direita cai. O líder do partido de ultradireita Reunião Nacional, Jordan Bardella, afirmou que a sigla não votará a favor do governo. "François Bayrou acaba de anunciar o fim de seu governo", escreveu ele em um post no X.

Rosto do conservadorismo francês e apadrinhado pela líder Marine Le Pen, Bardella disse que o partido jamais apoiará "um governo cujas escolhas causam sofrimento ao povo". O partido de esquerda La France Insoumise também anunciou que não apoiará a medida.

A votação no Parlamento ocorrerá dois dias antes de protestos já convocados por sindicatos e partidos de esquerda. As propostas precisam ser aprovadas até o fim do ano pela Assembleia Nacional. A discussão orçamentária levou à queda do gabinete anterior, do premiê Michel Barnier, em dezembro passado.

A situação das contas públicas francesas é preocupante. A previsão de déficit público é de 5,4% do PIB em 2025. A meta é chegar em 2029 ao patamar de 3% que os países da União Europeia teoricamente devem cumprir. A dívida pública está em 114% do PIB.

Guerra já matou 188 profissionais de imprensa em quase 2 anos em Gaza

/ GUERRA

Pelo menos 188 profissionais de imprensa foram mortos em Gaza em menos de dois anos. Foram 23 mulheres e 165 homens. Até o dia 12 de agosto, o número de vítimas contabilizado pelo Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ) era de 184, mas aumentou após quatro jornalistas morreram ontem em um ataque israelense a um hospital de Khan Yunis, na Faixa de Gaza.

Número de jornalistas mortos em Gaza é maior do que o registrado nas duas Guerras Mundiais. Os dois conflitos duraram dez anos, com 67 profissionais de imprensa mortos na Segunda Guerra Mundial e dois na Primeira. Os registros dos óbitos são divulgados pela Freedom Forum, organização dedicada à defesa da livre expressão nos Estados Unidos. No site da instituição é possível acessar um memorial com os nomes e as circunstâncias das mortes.

Mais de 180 dos profissionais mortos em Gaza foram vítimas de ataques israelenses, segundo o CPJ. Apesar disso, Israel nega que tenha como alvos deliberados jornalistas. Sem provas, o governo de Benjamin Netanyahu acusa um dos jornalistas mortos, Anas al-Sharif, repórter da Al Jazeera, de ser terrorista.

Além das mortes, 90 jornalistas foram presos por Israel desde o início da guerra. Desses, 55 foram libertados, enquanto 35 continuam detidos. Segundo o CPJ, pelo menos 12 dos jornalistas presos por Israel estão sob detenção administrativa.

Mais jornalistas foram mortos em 2024 do que em qualquer outro ano desde que o CPJ começou a coletar dados, há mais de três décadas. Pelo menos 124 jornalistas e profissionais da mídia foram mortos no ano passado, quase dois terços deles palestinos mortos por Israel. O número supera o recorde de 113 mortes em 2007, quando a guerra do Iraque foi responsável por quase metade das baixas de jornalistas.

Profissionais mortos estão entre as 15 pessoas assassinadas em dois bombardeios ontem. O ataque atingiu o hospital Naser e também matou um membro da Defesa Civil.

Confiante, Trump faz campanha e mostra obsessão por Nobel da Paz

/ ESTADOS UNIDOS

A pressão pública e o uso da máquina do governo asseguraram ao presidente Donald Trump o que os seus aliados consideraram vitórias políticas nas últimas semanas, mas ainda não suficientes para alçar o republicano ao favoritismo em uma de suas obsessões: ganhar o Nobel da Paz.

Nos últimos dias, o presidente americano intensificou os esforços para acabar com a guerra entre Ucrânia e Rússia. Ele promoveu um encontro com seu homólogo russo, Vladimir Putin, recebido com pompa no Alasca, em 15 de agosto. Depois, recebeu o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, na Casa Branca, junto de líderes europeus, também como parte do esforço por um cessar-fogo. O desfecho do conflito, porém, continua nebuloso.

O aumento da pressão por uma trégua no pior conflito em território europeu desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) coincide com a aproximação da data em que serão anunciados os novos vencedores do Nobel da Paz, em 10 de outubro.

O republicano e seus aliados têm enaltecido as resoluções de outros conflitos como prova de que Trump é um pacificador. No último sábado, as páginas da Casa Branca nas redes sociais escreveram que o presidente teve uma "semana cheia buscando a paz".

Na mensagem, a secretária de Imprensa de Trump, Karoline Leavitt, exaltou os encontros promovidos pelo presidente em busca de solução para o conflito na Ucrânia. Internamente, Trump obteve vitórias. Em uma frente, viu o Texas passar uma lei que amplia de 25 para 30 o número de cadeiras no Congresso a partir das eleições de meio de mandato do ano que vem.

Trump não seria o primeiro americano agraciado. Barack Obama recebeu o Nobel da Paz em 2009 por seu trabalho em prol do desarmamento nuclear. Obama foi o terceiro presidente americano em exercício a vencer, depois de Theodore Roosevelt (1906) e de Woodrow Wilson (1919). Jimmy Carter recebeu o prêmio em 2002, duas décadas após seu mandato. Também foram laureados Al Gore (2007), Henry Kissinger (1973) e Martin Luther King (1964).